

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Construções da Feminilidade de Adolescente em Regime Socioeducativo

Valquiria Gila de Amorim¹

Norma Maria Meireles Macêdo Mafaldo²

Maria Eulina Pessoa de Carvalho³

Maria do Socorro do Nascimento⁴

RESUMO

Este texto apresenta uma reflexão, baseada em leituras feministas, sobre uma experiência de trabalho desenvolvida com adolescentes do sexo feminino na faixa etária de 12 a 18 anos em cumprimento de medidas socioeducativas. Atuei nesta instituição como Diretora no período de 2007 a 2009, quando tive a oportunidade de escutar relatos no momento da chegada das adolescentes na instituição e em encontros semanais para resolução de conflitos, suscitando questões sobre quais os eventos que levaram estas meninas ao regime socioeducativo. Neste contexto, pude observar a problemática e desempenho de gênero destacando as relações com os maridos, ex-maridos, namorados ou amantes associadas ao ingresso na instituição e às várias disputas entre elas, relacionadas a sua leitura de feminino e masculino. A construção da feminilidade ainda aparece muito acoplada à mulher subserviente, cuidadora do lar, sedutora e de corpo desejado, e os constantes conflitos entre elas se dão na competição por ser a mais dominante, sedutora, bonita, querida e temido grupo.

Palavras chaves: gênero, adolescentes do sexo feminino, regime socioeducativo, construção de feminilidade.

¹Pedagoga, pós-graduanda em Gênero e Diversidade na Escola pelo NIPAM/CE/UFPB Virtual. Integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Ações Sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero/UFPB. E-mail: valquiriagila@gmail.com

²Professora do DECOM/UFPB. Doutoranda em Educação pela UFPB. Integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Ações Sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero/UFPB. E-mail: norma.meireles@gmail.com

³Professora Pesquisadora CNPQ. Doutora em Educação, Integrante do PPGE/UFPB e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Ações Sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero/UFPB. E-mail: mepcarv@terra.com.br

⁴Professora do DFE- Departamento de Fundamentos da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba – CE/UFPB. Coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Ações Sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero/UFPB. E-mail: helpnasci@gmail.com

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



cuidado e o reconhecimento de si, a sua vida depende da aprovação do seu parceiro. A representação da mulher verdadeira seria a disposição de enfrentar a tudo, mesmo que isso a coloque em uma situação de perigo, capaz de perder o convívio social e familiar, como também, a sua própria liberdade.

Historicamente a mulher foi designada ao papel de cuidadora, seja o lar, a família e os filhos, se restringindo seu espaço ao privado. Fundada na sociedade patriarcal e sexista, que estabelece padrões de regras e comportamentos inferiorizando a mulher. Refletindo sobre as desigualdades de gênero, segundo Días(2007,p.128), podemos afirmar que:

O gênero é um dos fatores medulares na construção de desigualdades. Para além das diferenças biológicas, foram estruturadas distinções sociais e culturais entre homens e mulheres, dentro das quais se estabelecem hierarquias de poder, de status e de renda. Finalmente, os atributos individuais constroem-se socialmente como resultado de processos históricos.

Assim esses papéis sociais são aprendidos e repassados. Segundo Louro:

Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. (LOURO, 1997, 24p.)

Nesse contexto entendemos que as relações de gênero são influenciadas por um sistema de dominação e desigualdade, que determina a mulher como um corpo para servir e ser dominado. Construído em tempos imemoriáveis pela dominação masculina através da criação de mitos culturais e religiosos, a mulher serviria somente para procriação, ao dever do lar e aos desejos masculinos.

Bourdieu (2005, p. 07-08) expressa que a dominação masculina como uma violência simbólica:

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



As agressões verbais no discurso das adolescentes, referente ao culto da beleza e do corpo, expressa que existe um padrão de perfeição a ser seguido para o sucesso e a aprovação perante o olhar dos outros. A dominação masculina está colocada pelo controle da sexualidade feminina através da escravidão e o exercício da beleza na busca da perfeição do corpo.

Afirma Renata Russo (2005, p. 81): “A indústria corporal através dos meios de comunicação encarrega-se de criar desejos e reforçar imagens, padronizando corpos”. Esse regime da beleza que escraviza as mulheres mostra a condição social hierarquicamente subordinada aos desejos masculinos.

A representação do feminino é iniciada antes mesmo da mulher chegar ao mundo, ditando a cor que a menina deve usar quando bebê e os comportamentos a serem seguidos socialmente, começando a estabelecer as distinções dos gêneros e as relações de poder.

Bourdieu (2005, p.29) descreve essa dominação como:

As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de *habitus* diferentes, sob a forma de *hexis* corporais opostos e complementares e de princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino.

A dominação é uma violência simbólica, que é passada de modo natural segundo Bourdieu (2005, p.34) que descreve esse “simbólico” como:

[...] enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, violentas, exploradas, ou, o que é ainda pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência.

As adolescentes são padronizadas e sofrem essa violência simbólica ditada por um ideal de beleza, muitas vezes inconscientes dessa dominação e da sociedade sexista em que estão inseridas.

